

## "MOREAU DE PARIS, ENTALHADOR"

Depois da morte de Julião Béranger, em 1º de novembro de 1853, a arte da marcenaria no Recife teria sido dominada inteiramente pelos dois grandes artistas alemães Remígio Kneip e Guilherme Spieler, se não fosse a presença de um conterrâneo daquele, de nome Antônio Filipe Moreau. Dele não falam os autores que têm estudado o mobiliário pernambucano, tal como aconteceu com mestre Remígio, cujas referências, em todos os documentos da época em que se distinguiu (1845-75), lhe são sempre altamente lisonjeiras, mas que permaneceu como que ocultado nas páginas dos jornais recifenses.

Nada pude recolher acerca da chegada ao Recife do mestre marceneiro e entalhador Antônio Filipe Moreau. Uma pesquisa nos velhos almanaques poderá revelar o ano em que abriu sua tenda de marceneiro; mas não será muito anterior a 1862, em que registro o seu primeiro anúncio no *Diário de Pernambuco*. Desse anúncio parece poder-se concluir que ele veio do Rio de Janeiro, ou lá tinha estado. Foi sobretudo como fabricante de sanefas para cortinas que se apresentou ao público, embora promettesse também reformar móveis "de antigo gosto" para lhes dar o "brilho moderno". No *Diário* de 16 de setembro de 1862 escreveu: "Renascimento das artes. Moreau de Paris, Entalhador, rua das Cruzes n. 11. Tendo observado que em muitos salões desta cidade falta-lhes um dos primeiros ornamentos, como seja guarnições das janelas (para uso dos cortinados), geralmente adotado na Europa e hoje bem conhecidas no Rio de Janeiro, e que talvez por falta de quem se encarregue desse trabalho seja a principal causa pela qual ainda não se tenha também aqui desenvolvido este gosto, convida, pois, aos senhores que se queiram utilizar do seu préstimo, a virem à sua oficina para verem os modelos e as diversas composições concernentes a esse fim. Igualmente se encarrega de fazer quadros para retratos de família, com molduras quer simples ou em talha. Assim como recebe santuários e trastes velhos do antigo gosto para os consertar e dar-lhes o brilho moderno".

De anúncios de leilão conclui-se que o uso de "cortinados" tornou-se comum nas casas e sobrados recifenses, depois da chegada de Moreau; entretanto, poucas referências encontro a sanefas entalhadas que compunham o conjunto. Mas, sem nenhuma dúvida, ele as continuou a fabricar até sua morte.

Moreau foi, pela evidência dos documentos, sobretudo entalhador. Os seus móveis eram de luxo. Fabricou, também, peças pequenas: costureiros, caixas de música, quadros. Mas as mobílias que produziu e apresentou em exposições industriais mereceram referências especiais. Na Exposição Provincial realizada em 1866 no Recife, entre as "mobílias luxuosas", apresentadas, estavam, de sua autoria, "um sofá de jacarandá e dois consolos, obra de talha, podendo-se preparar mobílias completas". Entre as "decorações" expôs "uma coleção de sanefas de jacarandá para janelas e portas". Pela qualidade do trabalho foi premiado com medalha de prata.

O relatório da Comissão Organizadora da Exposição registra assim o material exposto: "É igualmente digno de menção a oficina do Sr. Moreau, onde a fantasia pode obter todos os produtos luxuosos da arte. Dele foram expostos um sofá de jacarandá e dois consolos. São móveis luxuosos e de esmerado trabalho. Vende-se a mobília completa por 2:000\$. Também uma coleção de sanefas de jacarandá para decoração de portas e janelas: vende-se por 250 cada uma". (*Diário de Pernambuco* de 20 e 21 de novembro e 5 de dezembro de 1866).

Na Exposição de 1872, ainda no Recife, apresentou novos móveis, aos quais se refere o

relatório da Comissão Diretora: "poucos produtos das oficinas de marcenaria do Sr. Moreau, um dos mais distintos artistas desta cidade, foram enviados à Exposição. Neste grupo encontravam-se uma escrivaninha e outros objetos de fantasia, que dão idéia do mérito do artista e do que é capaz de produzir a sua oficina". Propondo que se lhe desse nova medalha de prata, concluiu a Comissão: "Moreau, entalhador e marceneiro, à Rua da Imperatriz expôs vários objetos com muito gosto e muita delicadeza de trabalho e mostrou não só que é digno de conservar a recompensa que lhe foi dada na Exposição de 1866, como que continua a se manter no primeiro lugar entre os artistas desta cidade, que se ocupam da parte mais delicada da marcenaria". (*Diario de Pernambuco* de 21 de fevereiro de 1873).

Terceira medalha de prata obteve, ainda, na Exposição Provincial de 1875, "pelo seu santuário de jacarandá". (*Diario de Pernambuco* de 15 de dezembro de 1875).

Filiado à Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais, com sede no Liceu de Artes e Ofícios, está ele na fotografia do grupo de 45 sócios dessa associação que, por iniciativa e em companhia do conselheiro Manuel do Nascimento Machado Portela, posaram para o fotógrafo Mena da Costa (*Diario* de 30 de setembro de 1803). Na Sociedade participou ele de várias Exposições Artístico-Industriais por ela promovidas. Na primeira (1881) recebeu "Diploma de progresso" por "seus trabalhos de escultura". Em uma Exposição Agrícola e Industrial de Pernambuco, de iniciativa da Associação Comercial, e que se destinava a reunir material para a Exposição Internacional de Antuérpia (1885), expôs "elegante mobília" (*Diario* de 4 de fevereiro de 1885).

Em anúncios de leilão encontro por duas vezes indicados móveis seus: "uma secretária (obra de Moreau)" e "uma importante mobília de jacarandá maciço (obra de Moreau)", esta última pertencente ao conhecido médico dr. Ermírio Coutinho (*Diario* de 15 de dezembro de 1875 e 13 de maio de 1888).

Mas o seu trabalho que mereceu maior atenção e descrição em página de jornal, foi a moldura que fez para o quadro destinado a guardar os nomes dos primeiros grandes cultivadores do café do Bonito, na tão celebrada "Festa do Café" promovida pela Associação Comercial de Pernambuco em 1876. O quadro, "trabalho primoroso do insigne artista Moreau", media 1 metro e 5 centímetros de altura por 68 centímetros de largura e "recomenda-se pela originalidade e gosto da arquitetura. É formado por dois ramos de cafeeiro que, abraçados na base, sobem em grinaldas pelos lados do vidro e vão prender-se graciosamente no vértice, amarrando com suas ramas um medalhão em que se lê, em alto relevo, esta inscrição: 6 de março de 1876" (*Jornal do Recife* de 16 de março de 1876).

Moreau faleceu no Recife, de tuberculose pulmonar, em 13 de junho de 1886, com 58 anos de idade. Era casado com Maria Xavier de Macedo Moreau e deixou uma filha, Joana Evangelista Moreau.

O anúncio de leilão dos objetos de sua tenda de marceneiro, à Rua da Imperatriz n. 24, contém indicações esclarecedoras acerca dos trabalhos que realizava: "móbilias de jacarandá, toilettes, lavatórios, guarda-louças, aparadores, secretárias, carteiras, etagères, capitéis, cômodas com armários, jarros e vasos de madeira, cúpulas, caixinhas, costureiras, porta--músicas, sanefas, quadros, barômetros, berço de jacarandá, poltronas, pedras mármore para consolos, mesas e outros móveis. E ainda um fiteiro, armação, bancos e ferramentas, prensas e mais pertences da oficina" (*Diario de Pernambuco* de 11 de julho de 1886).

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. Jornal do Commercio. Recife, 1º set., 1963.